

VERSOS NAS *POESIAS COMPLETAS* DE MACHADO DE ASSIS: DETALHES

Rilane Teles de Souza
Universidade Federal do Espírito Santo
Bolsista de Iniciação Científica/Programa DCR-FAPES/CNPq

Resumo: Este texto, lido no seminário “Machado de Assis e seus textos: recepção e edição” com o título de “Problemas editoriais na poesia de Machado de Assis”, apresenta e discute três problemas de transmissão que ocorreram nas sucessivas edições das *Poesias completas* de Machado de Assis. Foram analisadas, comparativamente as principais edições da obra, de maneira a observar se os problemas persistem em todas elas, ou se foram corrigidos. Também tentamos, em alguns casos, formular possíveis hipóteses para explicar alguns dos erros. O seminário ocorreu na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), de 27 de novembro a 1º de dezembro de 2017.

Palavras-chave: Poesia brasileira, Ecdótica, Machado de Assis.

I

Enquanto desenvolvíamos nossos estudos sobre a poesia de Machado de Assis, detectamos a existência de alguns problemas na transmissão até nós de alguns versos de alguns poemas em determinadas edições das *Poesias completas*, obra que reúne toda a poesia publicada em livro pelo autor. Ao preparar essa coletânea de 1901, Machado de Assis excluiu um número considerável de poemas das primeiras edições de seus livros: de *Crisálidas* (1864), dezesseis poemas foram excluídos, além de um fragmento dos “Versos a Corina”; de *Falenas* (1870), nove poemas foram excluídos; e de *Americanas* (1875), apenas um.

A poesia excluída por Machado de Assis de sua obra publicada anteriormente à reunião das *Poesias completas* só voltou a ser integrada a este conjunto em 1937, quando a editora W. M. Jackson passou a editá-la. Antes dessa edição de 1937, houve

três edições pela Garnier, em 1901, em 1902 e em 1924. Nem todos os poemas excluídos, no entanto, foram incorporados ao volume em 1937; sete deles, todos de *Crisálidas*, só apareceram na edição de 1953. (Cf. SOUSA, 1955, p. 100-105).

Foi na poesia excluída que encontramos a maior parte dos erros de edição que vamos apresentar e examinar aqui. Esses erros encontram-se nos poemas “Aspiração”, “Alpujarra” e no trecho excluído dos “Versos a Corina”, todos eles poemas de *Crisálidas*.

Quando alguém procura uma boa edição para nela ler a poesia de Machado de Assis, necessariamente há de examinar as seguintes possibilidades: 1. a primeira edição, de 1901 – importantíssima; porém, raríssima (embora hoje possa ser encontrada na internet); 2. as edições Jackson (*Poesias completas*), que começaram em 1937; 3. as edições Aguilar (*Obra completa*), que começaram em 1959; 4. a edição crítica das *Poesias completas*, preparada pela Comissão Machado de Assis – teoricamente a mais recomendável, do ponto de vista acadêmico; 5. as duas edições recentes, mais completas, porque contêm a poesia deixada fora de seus livros pelo poeta – a preparada por Cláudio Murilo Leal (*Toda poesia de Machado de Assis*, 2008), e 6. a preparada por Rutzkaya Queiroz dos Reis (*A poesia completa*, 2009); e 7. as edições Nova Aguilar da *Obra completa em quatro volumes* (a última é de 2015).

II

Começamos pelo exame de dois dos versos do poema “Aspiração”.

Esse poema, que foi excluído de *Crisálidas* em 1901, tem 78 versos alexandrinos, com rimas em sua maior parte emparelhadas (há algumas rimas abraçadas no poema). Os versos de “Aspiração” são dirigidos a Faustino Xavier de Novais, amigo de Machado de Assis, com quem ele (Machado de Assis) procura partilhar suas angústias existenciais. Além de problemas na divisão estrófica (que não estudaremos aqui), encontramos problemas nos versos 14 e 15 em algumas edições. Na edição de 1864, eles (os versos) aparecem da seguinte forma:

- 13 Deixemos que ella ria, a turba ignara e vã;
 - 14 Nossas almas a sós, **como irmã junto a irmã,**
 - 15 Em santa comunhão, **sem cárcere, sem véus,**
 - 16 Conversarão no espaço e mais perto de Deus.
- (ASSIS, 1864, p. 66, negrito nosso)

Nas edições Jackson, desde a edição de 1953, que é a primeira na qual esse poema aparece, os versos apresentam-se assim:

- 13 Deixemos que ela ria, a turba ignara e vã;
- 14 Nossas almas a sós, **como irmão junto a irmã,**
- 15 Em santa comunhão, **sem cárcere nem véus,**
- 16 Conversarão no espaço e mais perto de Deus.

As edições Aguilar, que começaram em 1959, corrigiram ambos os erros, que retornaram na edição crítica das *Poesias completas*, em 1976 (onde jamais poderiam ter aparecido). Os erros persistiram em *Toda poesia de Machado de Assis*, de Cláudio Murilo Leal, para serem novamente corrigidos em *A poesia completa*, de Rutzkaya Queiroz dos Reis, e na *Obra completa em quatro volumes* (Nova Aguilar).

Parece-nos digna de comentário a variante do verso 14, porque ela envolve uma questão ideológica, de gênero. Nota-se, nesse verso, a substituição da palavra “irmã” pela palavra “irmão”. Esse equívoco, conforme já vimos, ocorre em diversas edições. Tal erro talvez seja indício de certa mentalidade, de certo preconceito dos editores, que muito provavelmente supunham que “duas almas a sós” só poderiam ser de gêneros opostos (ou diferentes) – sem atentar para o fato de que no verso (“Nossas almas a sós, como irmã junto a irmã”) o encontro é das duas almas (e alma é palavra do gênero feminino).

III

O próximo problema que encontramos está no poema “Alpujarra”, que tem 64 versos decassílabos brancos (isto é, sem rimas). “Alpujarra” narra um episódio da guerra entre mouros e espanhóis, em que um líder árabe se rende aos castelhanos apenas para entrar no castelo e introduzir nele a peste da qual estava contaminado. O erro que se produziu na transmissão do texto está no verso número onze, e envolve a sua atualização ortográfica. Vejamos como o verso aparece na edição de *Crisálidas* de 1864:

- 9 Deu signal, ao romper do dia, o bronze;
 - 10 Arrasam-se trincheiras e muralhas;
 - 11 No alto dos **minarets** erguem-se as cruces;
 - 12 Do castelhano a cidadella é presa.
- (ASSIS, 1864, p. 120, grifo nosso)

A maior parte das edições das poesias completas de Machado de Assis atualizou (ou traduziu) a palavra “minarets” para “minaretes”, como se pode observar abaixo:

- 9 Deu sinal, ao romper do dia, o bronze;
- 10 Arrasam-se trincheiras e muralhas;
- 11 No alto dos **minaretes** erguem-se as cruzes;
- 12 Do castelhano a cidadela é presa.

Essa atualização ortográfica provoca um aumento no número de sílabas do verso, que, em vez de dez sílabas poéticas, passa a ter onze:

“No al/to /dos/ **mi/na/rets/** er/guem/-se as/ cru/zes;”
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

No al/to /dos/ **mi/na/re/tes/** er/guem/-se as /cru/zes;[.]
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

Na época em que o livro *Crisálidas* foi lançado (1864), a palavra “minaret” ainda não havia sido dicionarizada em português; provavelmente por isso Machado de Assis a escreveu na sua forma francesa (embora o poema seja polonês, ele o traduziu do francês). Segundo Houaiss (2001), essa palavra entrou para os dicionários da língua portuguesa em 1877, ou seja, treze anos após a publicação do livro de Machado de Assis.

Esse erro aparece nas edições Jackson. As edições Aguilar o reproduzem; a edição crítica, porém, atenta a esse tipo de problema, manteve a grafia francesa da palavra (Cf. ASSIS, 1976, p. 211). Quanto às duas edições mais recentes, Cláudio Murilo Leal, em *Toda poesia de Machado de Assis* (2008), adotou a forma correta do verso, ao passo que Rutzkaya Queiroz dos Reis, em *A poesia completa* (2009) e a *Obra completa em quatro volumes*, da Nova Aguilar, atualizaram a ortografia e incorreram no erro das edições mais antigas.

IV

O problema seguinte, que vamos apresentar aqui, ocorreu no trecho do poema “Versos a Corina” que foi excluído do livro *Crisálidas*.

“Versos a Corina” é um poema longo que possui seis partes, e foi um dos poemas que mais deu fama a Machado de Assis naquele tempo. O fragmento excluído das *Poesias completas* pertence à terceira parte (é a parte final dela); ele (o fragmento) é

composto por uma sequência de 22 versos alexandrinos e uma quadra em versos decassílabos, que vem depois dos alexandrinos. Quando esse fragmento voltou a ser publicado junto com as *Poesias completas* pela editora Jackson, em 1953, ele aparece com três problemas: primeiro, uma troca de nome – “Lídia”, a amante do poeta latino Horácio, aparece como “Lívia” no verso número 5 do fragmento; segundo, um problema na formatação – o verso número 14, que, na primeira edição ocupa duas linhas, aparece numa linha só; terceiro, a supressão de um trecho – a quadra decassilábica que vinha após os alexandrinos desapareceu. Vejamos como o fragmento aparece em *Crisálidas*:

- 1 Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória,
 - 2 É esta que nos orna a poesia da história;
 - 3 É a glória do céu, é a glória do amor.
 - 4 É Tasso eternizando a princeza Leonor;
 - 5 É **Lydia** ornando a lyra ao venusino Horacio;
 - 6 É a doce Beatriz, flor e honra do Lacio;
 - 7 Seguindo além da vida as viagens do Dante;
 - 8 É do cantor do Gama o hymno triste e amante
 - 9 Levando á eternidade o amor de Catharina;
 - 10 É o amor que une Ovidio á formosa Corina;
 - 11 O de Cyntia a Propercio, o de Lesbia a Catullo;
 - 12 O da divina Delia ao divino Tibullo.
 - 13 ESTA A GLÓRIA QUE FICA, ELEVA, HONRA E CONSOLA;
 - 14 **Outra não há melhor.**
- Se faltar esta esmola,**
- 15 Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão,
 - 16 Com que se alenta e vive o amante coração,
 - 17 Deixar-lhe um dia o céu tão azul, tão tranquilo,
 - 18 Nenhuma gloria mais há de nunca attrahil-o.
 - 19 Irá longe do mundo e dos seus vãos prazeres,
 - 20 Viver na solidão a vida de outros seres,
 - 21 Vegetar como o arbusto, e murchar, como a flor,
 - 22 Como um copo sem alma ou alma sem amor.
- 23 **Ah! faze que estas ilusões tão vivas**
 - 24 **Nunca se tornem pálidas lembranças;**
 - 25 **E nem voem as minhas esperanças**
 - 26 **Como um bando de pombas fugitivas!**
- (ASSIS, 1864, p. 137-138, destaques nossos)

Agora vejamos como o fragmento aparece nas edições Jackson das *Poesias completas*, a partir de 1953:

- 1 Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória,
- 2 É esta que nos orna a poesia da história;

- 3 É esta glória do céu, e a glória do amor.
- 4 É Tasso eternizando a princesa Leonor;
- 5 É **Lívia** ornando a lira ao venusiano Horácio;
- 6 É a doce Beatriz, flor e honra do Lácio,
- 7 Seguindo além da vida as viagens de Dante;
- 8 É o doce cantor do Gama o hino triste e amante
- 9 Levando à eternidade o amor de Catarina;
- 10 É o amor que une Ovídio à formosa Corina;
- 11 O de Cíntia a Propérico, o de Lêsbia a Catulo;
- 12 O da divina Délia ao divino Tibulo.
- 13 ESTA A GLÓRIA QUE FICA, ELEVA, HONRA E CONSOLA;
- 14 **Outra não há melhor. Se faltar esta esmola,**
- 15 Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão,
- 16 Com que se alenta e vive o amante coração,
- 17 Deixar-lhe um dia o céu tão azul, tão tranquilo,
- 18 Nenhuma glória mais há de nunca atraí-lo.
- 19 Irá longe do mundo e dos seus vão prazeres,
- 20 Viver na solidão a vida de outros seres,
- 21 Vegetar como o arbusto, e machucar, como a flor,
- 22 Como um copo sem alma ou alma sem amor.

(ASSIS, 1959, p. 103-104, destaques nossos)

Nota-se que, além da troca do nome “Lídia”, no verso 5, a disposição espacial do verso 14 não foi respeitada, e a quadra decassilábica que se segue à sequência dos alexandrinos desapareceu.

As edições Aguilar (*Obra completa*) e Nova Aguilar (*Obra completa em quatro volumes*) recuperaram o nome de “Lídia”, mas deram ao verso 14 uma disposição anômala, e continuaram ignorando a quadra decassilábica perdida. A quadra reaparece na edição crítica, em nota de rodapé (no aparato crítico da edição), porém sem o devido espaçamento entre ela e os versos alexandrinos que a precedem. Essa edição, como as edições Jackson, traz “Lívia” no lugar de “Lídia”, não respeitou a disposição espacial do verso catorze. Esse fragmento é interessante e importante, porque contém o verso que destacamos em versalete: é o verso que foi escolhido pelos acadêmicos para ser gravado em bronze ao pé da estátua de Machado de Assis que se encontra no pátio da Academia Brasileira de Letras.

As duas edições completas mais recentes são completamente diferentes, no tocante a esse trecho dos “Versos a Corina”. Nenhum dos versos desse fragmento aparece em *Toda poesia de Machado de Assis* (2008), preparada por Cláudio Murilo Leal; já em *A poesia completa* (2009), preparada por Rutzkaya Queiroz dos Reis, o trecho aparece em nota de rodapé (como na edição crítica), traz o nome de “Lídia” corretamente, apresenta o verso 14 com a disposição espacial semelhante à da primeira

edição, e traz a quadra decassilábica devidamente separada dos alexandrinos pelo espacejamento que separa estrofes.

Referências

- ASSIS, Machado de. *Crisálidas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1864.
- ASSIS, Machado de. *Falenas*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, [1870].
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1901.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1953.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1959. v. 3.
- ASSIS, Machado de. *Poesias completas*. Ed. crítica pela Comissão Machado de Assis. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- ASSIS, Machado de. *Toda poesia de Machado de Assis*. Org. Cláudio Murilo Leal. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ASSIS, Machado de. *A poesia completa*. Org. Rutzkaya Queiroz dos Reis. São Paulo: Nankin, 2009.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2014. v. 3.
- HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- SOUSA, J. Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955.